

As linhas do cárcere

Flávio M. Carneiro

UERJ-LETRAS

Tudo aconteceu porque aquele dia Cássia se esqueceu de me trancar no quarto, como fazia sempre que saía pra trabalhar.

— até de noite, Libério

Até de noite não era muito tempo, ainda mais que eu passava o dia todo envolvido com minhas pesquisas científicas, ou melhor, filosóficas, não, enfim: o tempo corria rápido enquanto me entregava a minhas investigações intelectuais.

— um casal perfeito, desde que nos casamos

— e quando foi isso?

— isso o quê? o casamento ou o

— o acidente, digamos

— ah sim, foi quando ela saiu e deixou o quarto aberto

— mas quando foi que ela deixou o quarto aberto?

— há treze dias, precisamente

— e o senhor então

— eu então decidi fazer o que fiz

As pessoas, normais, nunca entenderam como se dava a nossa relação. Para elas, eu era um marido submisso e Cássia uma esposa autoritária. Pode ser que fosse isso mesmo, nunca discuto o que os outros pensam ou deixam de pensar, mas para mim havia outra realidade, diferente da dessas pessoas e diferente da de Cássia.

— faço isso pra que ele trabalhe. Se deixo o quarto aberto, Libério vai pra Praça da Bandeira ver o vento e só volta no dia seguinte

- o vento?
- ver o vento balançar a bandeira. É mania dele, qualquer um tem sua mania, não é mesmo? E você sabe, um tradutor precisa fazer traduções senão deixa de ser tradutor. Libério é muito talentoso, mas precisa se organizar melhor, ter mais responsabilidade
- e seu marido traduz o quê?
- textos em latim
- e dá pra ganhar dinheiro como tradutor de latim?
- ele não precisa de dinheiro
- é a senhora que sustenta a casa?
- eu ganho bem
- me diga uma coisa, D. Cássia, a senhora mantém relações sexuais com seu esposo?
- ah esses jornalistas!

Antigamente, Cássia só trancava as portas da sala e dos fundos, me deixando livre dentro do apartamento. Eu então fugia pela saída secreta, atrás do fogão. Entrava pelo forno e depois era só empurrar um pedaço falso da parede, serrado e disfarçado cuidadosamente assim que nos mudamos pra lá. Um dia ela descobriu tudo, e me bateu?

- a senhora não acha perigoso trancá-lo no quarto?
- por quê?
- não sei, talvez ele se revolte, cometa alguma loucura
- não tem perigo nenhum, Libério é manso como um carneirinho

O que Cássia nunca soube é que jamais fui tradutor. Inventei isso pra que ela não descobrisse minhas verdadeiras atividades e imaginasse que eu era louco. Meus conhecimentos de latim eram razoáveis, mas nunca conseguiria traduzir bem um texto. O meu vizinho de cima sim, era latinista completo, bom tradutor, e todo dia fazia descer pela janela do meu quarto um cesto de palha com algum trecho já traduzido. Cobrava uma fortuna pelo trabalho mas se eu não pagasse Cássia descobriria tudo. Além do mais, o dinheiro era dela, não era nenhum sacrifício pra mim.

- afinal, quando vou poder ler a Odisséia?
- calma, já estou acabando
- há anos que ouço essa ladainha
- você pensa que é fácil?
- Libério, me responde sinceramente: você tem fugido do quarto?

- claro que não, Cássia, que mania!
- faço isso pro seu bem, já disse
- certo, querida, eu compreendo
- é que você tem umas idéias tão estranhas de vez em quando

LIBÉRIO, O IDEÓLOGO:

Se retirarmos uma das pernas de uma mesa, ela não deixará de ser mesa, mas apenas passará a ser uma mesa defeituosa. Se, no entanto, retirarmos a parte de cima, só sobrarão as pernas, e então não teremos mais uma mesa, mas quatro pedaços de madeira (ou seja lá qual for o material). Donde se conclui que só existe mesa caso exista a parte de cima, ou seja, esta parte é a essência da mesa (seu *ponto vital*, nomenclatura que usaremos no nosso discurso). O mesmo ocorre, por exemplo, com o coração e o homem, bem como com a seiva e o vegetal. Sem coração, o homem morre, e deixa de ser homem; se seiva, o vegetal não é mais vegetal. Alguém poderia refutar: mas um homem morto não deixa de ser homem, do mesmo modo que um vegetal sem seiva não deixa de ser vegetal. Já pensei nisso, obviamente, mas respondo: só por algum tempo. Trata-se aqui de observar que coração e seiva são elementos que caracterizam, respectivamente, homem e vegetal vivos, e só enquanto tais podem manter suas formas naturais; a morte traz a decomposição das formas e, ao perder sua forma de homem, o mesmo deixa de sê-lo, o que se aplica também ao vegetal. É por perder a parte de cima que uma mesa deixa de ser mesa, ou seja, por perder a *forma* de mesa. Espero não estar sendo confuso ou incoerente.

Ora, se existem pontos vitais no animal, no vegetal e no produto criado pelo homem (mesa, produto cultural), nada impede que todos os corpos, sejam quais forem, possuam também um ponto vital característico. Inclusive os minerais. É importante ratificar que o que chamo de *corpo* refere-se a todo elemento de forma definida. Bom, continuando, faço-lhes uma pergunta: se todo corpo possui ponto vital, e se a pedra é um corpo (por possuir forma definida), qual será, então, o ponto vital da pedra? Auxiliando-os a encontrar uma resposta, devo dizer que o ponto vital, sendo aquele ponto do corpo que dá vida ao mesmo, é também o ponto pelo qual se pode retirar a vida desse mesmo corpo.

Creio que não é muito difícil entender o raciocínio. Vejam, se quebrarmos uma pedra, ela não deixará de existir enquanto pedra,

apenas se multiplicará em outras pedras. A pedra só deixa de ser pedra quando eliminada completamente e em bloco, e não eliminando-se somente uma de suas partes, como acontece com o homem, o vegetal e a mesa. E então, alguém já desvendou o segredo? Não? Nem eu. É este meu desafio: descobrir o ponto que dá vida à pedra enquanto pedra, e estou quase certo de que o segredo está na Praça da Bandeira.

Seguindo a lógica convencional, no início de minhas investigações pensei encontrar a solução analisando o próprio objeto: a pedra. Depois de anos de tentativas frustradas, descobri o erro deste método: a pedra difere do homem, do vegetal e da mesa, como já vimos; seria ingênuo, portanto, utilizar o mesmo método para objetos diferentes. Foi então que decidi dirigir minhas pesquisas não à pedra diretamente, mas ao vento. Por que o vento? Muito simples: o vento não pode ser definido enquanto corpo, mas enquanto elemento amorfo (o mesmo se aplica a outros amorfos, como a chuva, por exemplo). Ora, somente através de um elemento completamente oposto à pedra será possível desvendar o segredo desta. E se estamos nos baseando na forma, somente um elemento amorfo poderá ser oposto à pedra, que tem forma. E por que não a chuva? Porque o vento existe sempre, forte ou fraco, ao passo que a chuva não, depende de certas circunstâncias meteorológicas. Uma questão prática somente; seria vagaroso demais esperar pela chuva, ainda mais se levarmos em conta que já tenho 53 anos e que Cássia tira boa parte do meu tempo disponível trancando-me no quarto, como é sabido.

A bandeira tremulava e eu ia anotando minhas observações. Em casa, organizava tudo conforme meus conhecimentos profundos de mineralogia e eóliografia. Era difícil, claro, aproveitar todos os dados. Na verdade, só me utilizava de bem poucos, cerca de 1% de todos os que anotava na pesquisa de campo. Alguma coisa me escapava sempre do meio desse 1%, algo que eu imaginava ser muito simples, como $E = mc^2$, e que realmente era muito simples, como constatei naquele dia.

É isso: falta um elemento a ser colocado sobre o mastro da bandeira.

Para que o vento me desse o que eu tanto procurava, seria preciso que ele batesse contra um dos corpos de ponto vital conhecido. Isto porque seria exatamente o complemento. Esse corpo poderia ser um vegetal, uma mesa ou um humano. Não é difícil compreender, prestem atenção: se ainda se lembram, eu disse há pouco que somente através de um elemento completamente oposto à pedra será possível desvendar o segredo desta. Agora veja, o vento é amorfo, a pedra possui forma, são dois pólos opostos diretamente, mas (e aqui estava o meu erro) eles se encontram num item: nenhum deles tem ponto vital conhecido. Faz-se necessário, portanto, que um outro elemento seja introduzido nesse contexto, aquele que ligue esses dois pólos pelo fato de acrescentar-lhes algo. Então vejamos: o vegetal difere do vento, por ter forma, ao contrário deste, e difere da pedra, por ter ponto vital conhecido, ao contrário desta. O mesmo se aplica ao homem e à mesa. Aparentemente, qualquer dos três nos serviria. Mas é só aparentemente, porque existe um fator importantíssimo a ser considerado: dos três corpos em questão, somente o ser humano é capaz de movimentos próprios. Uma flor, por exemplo, afixada no mastro de uma bandeira, só se movimentará caso seja atingida pelo vento. Ora, neste caso, o vento ainda será elemento predominante e a presença da flor só em parte servirá aos propósitos das investigações. O mesmo ocorre com a mesa. Já o ser humano não: enquanto estiver vivo, com o mastro da bandeira perfurando seu corpo suspenso, fará movimentos de dor, terror, desespero, enfim: movimentos próprios. Logo, o homem é, dos três elementos corpóreos ligantes, o que mais se adapta à experiência, o mais completo e, melhor ainda, o único capaz de ligar os dois pólos de maneira a suscitar a resposta adequada. E como encontrar esse corpo, vivo, e colocá-lo sobre o mastro da bandeira?

Primeiro passo: encontrar o corpo a ser utilizado. Muito simples, muito prático: o corpo será Cássia. Segundo passo: como fazer para fincar Cássia, viva, no mastro da bandeira?

- seu marido é meio atrapalhado, não?
- doido, você quer dizer
- é, doido
- doido é você!

Por uma formidável coincidência, foi exatamente no dia em que imaginava um modo de sair do quarto que Cássia se esqueceu de trancá-lo. Agora era só executar o planejado. Fui até a butique onde ela trabalhava.

- o que você está fazendo aqui, Libério?
- aconteceu uma tragédia...
- o que foi?!
- sua mãe morreu
- mamãe? morreu?
- sinto ter falado assim, diretamente, mas não tinha outro jeito. A ambulância deixou o corpo na nossa casa.

Entrei no carro com Cássia e apliquei-lhe uma droga.

- é um sedativo, querida

Levei-a pra casa. Eram quatro horas da manhã quando ela acordou, amarrada e amordaçada, meio tonta, não entendendo nada daquilo. Não foi difícil levá-la assim para a Praça da Bandeira.

Quase ninguém me viu carregando Cássia e a escada.

Fiz um corte no seu peito, no rumo do coração, e deixei Cássia pendurada no mastro. Desci rapidamente da escada e no chão preparei todo o meu material. Observava e anotava atentamente todos os dados, sem deixar escapar nada. De repente pensei que o corpo dela estivesse morto, o que inutilizaria todo o trabalho, mas felizmente o corpo logo se contorceu novamente. Não havia contado com a possibilidade de que o sangue escorrendo pudesse afetar os cálculos e por isso a conclusão definitiva não vinha logo. Desfiz o contratempo com certa habilidade matemática, e agora sim, estava prestes a alcançar o resultado. Faltava pouco, muito pouco, quando ouvi a sirene.

- o senhor sabe que será condenado, não?
- sei, in cassum frustra que, ou: vã e inutilmente, se não me falha a memória
- já pensou em escrever sua própria história, seu Libério?
- não
- o senhor se importaria se eu a escrevesse?
- como queira, só acho que ninguém vai acreditar nisso tudo
- não tem importância